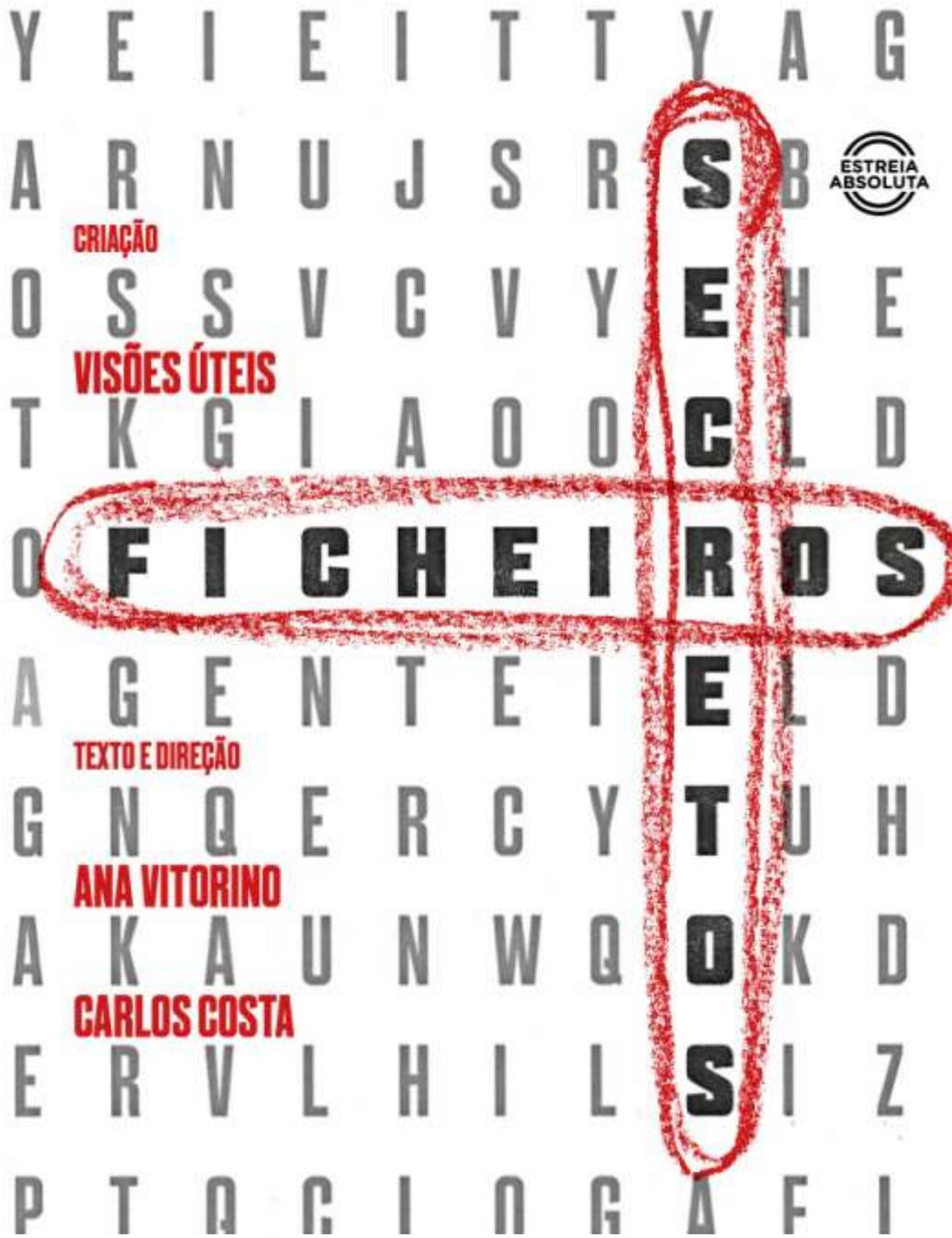


**TNSJ** TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Teatro 14-24  
Carlos Nov  
Alberto 2013



"Ficheiros Secretos" apresentou-se de **14 a 24 de novembro de 2013 no Teatro Carlos Alberto** no Porto, numa **coprodução com o Teatro Nacional São João**.

texto e direção **Ana Vitorino, Carlos Costa**

cenografia e figurinos **Inês de Carvalho**

banda sonora original e sonoplastia **João Martins**

desenho de luz **José Carlos Coelho**

cocriação **Pedro Carreira**

colaboração na pesquisa **Ana Carvalho, Ricardo Lafuente/Manufactura Independente**

interpretação **Ana Vitorino, Carlos Costa, Pedro Carreira** e ainda **João Martins, voz-off Arsélio Martins**

co-produção **Visões Úteis / TNSJ**

apoios **Centro Hospitalar de São João / Joãozinho , Norcópia**

O Visões Úteis é uma estrutura financiada por: Governo de Portugal, Secretário de Estado da Cultura, Direção Geral das Artes



Este texto está sujeito a uma licença **Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Portugal**. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

## 1

*Uma secção de análise de informação. No centro, uma grande mesa em cima da qual se pode ver um dossier e vários botões e fios elétricos coloridos. Atrás, uma zona de tratamento de informação escrita, onde se encontram uma máquina de escrever, uma pequena guilhotina, uma fotocopadora e um destruidor de papel. No chão um cesto com cápsulas vazias. Ao fundo, uma grande mesa sobre a qual se encontram ecrãs, computadores, gravadores de som e outros equipamentos. À volta deste espaço de trabalho estão as cadeiras onde se sentarão os espetadores, tratados como sujeitos de estudo dos analistas. Atrás das cadeiras, alguns armários com objetos e cápsulas com informação arquivada, e carrinhos com equipamento para experiências.*

*Quando o público entra, os analistas A, B e C estão espalhados em torno da mesa central, envergando batas brancas. D ocupa o seu espaço ao fundo, na mesa com ecrãs. Os quatro têm intercomunicadores iguais.*

*A analisa um saco com borras de café. B acompanha a entrada do público tomando notas. C analisa folhas com os dados de bilheteira e bar. D controla um helicóptero que voa pela sala filmando os espetadores.*

## 2

*Os analistas largam a observação dos dados de sujeitos e aproximam-se da mesa. A abre o dossier. Os três lêem:*

A – Processo F788/13: Relatório final a 1 de Agosto de 2013. O sujeito em análise demonstrou inicialmente uma conduta profissional competente e meritória, trabalhando em prol do serviço público, aceitando o peso da responsabilidade inerente ao seu cargo e demonstrando uma tendência para a abnegação em prol da nação.

B – Num segundo momento, o sujeito incorre em atos criminosos à luz da lei vigente na altura – atos esses justificados pelo próprio com escolhas do foro ético, nomeadamente uma crença profunda na liberdade e noutros valores a ela associados.

C – Os ilícitos cometidos pelo sujeito motivam uma reação das autoridades competentes, tida por estas como proporcional à gravidade das ofensas. Consequentemente, o sujeito vê-se colocado numa situação em que as únicas alternativas à sua disposição são a fuga ou a prisão.

A – A formalização de acusações judiciais é desde o início acompanhada por controvérsia na opinião pública relativamente à legitimidade das mesmas. Esta controvérsia não permite prever com confortável margem de segurança a evolução do juízo sobre os atos do sujeito.

B – Não é assim possível, neste momento, estabelecer uma conclusão peremptória que permita o encerramento do caso. Não é também possível prever o lapso de tempo até ao aparecimento de novos dados relevantes.

C – Propõe-se por isso a suspensão da análise do caso, acompanhada de monitorização assídua dos sinais relacionados.

*Olham uns para os outros. Pousam o dossier na mesa. Regressam ao que estavam a fazer.*

### 3

*A traz um carrinho e dispõe material para analisar melhor as borras de café. B vai para a máquina de escrever e edita os dados relativos ao tempo de entrada do público. C expõe os dados já editados que vieram do exterior (bilheteiras), os dados já cristalizados (produção/financiamento do teste) e ficcionados (utilização do WC do teatro).*

C - A informação disponível indica que relativamente a esta sessão em particular, contamos com X sujeitos (*o total de público*), sendo que a presença de Z deles (*os convidados*) é suportada pela organização. A informação reservada, aponta para os WC terem sido utilizados por 16 sujeitos, 37,5% masculinos e 62,5% femininos, com predomínio da utilização, respetivamente, do primeiro urinol à direita e do segundo compartimento à esquerda, tendo sido contabilizadas 37 descargas de autoclismos. A informação aberta permite-nos associar a este programa de testes um custo direto de 12 015 euros, ao qual terá de ser associada uma afetação indefinida dos custos fixos das entidades envolvidas.

*B termina a sua edição, arranca a folha da máquina e expõe a informação que acabou de editar.*

B - A distribuição dos sujeitos na sala decorreu de forma \_\_\_\_\_ (*regular / irregular*), observando-se um predomínio de preferência pelos assentos do \_\_\_\_\_ (*centro/ lado esquerdo/ lado direito*). A distribuição foi feita num intervalo de tempo \_\_\_\_\_ (*curto/médio/longo*), preenchido maioritariamente com \_\_\_\_\_ (*conversa, murmúrios, risos, a observação silenciosa do espaço*). Não existiram ocorrências extraordinárias dignas de nota.

*A termina a análise das borras.*

A – Concluído.

B – Marca do café?

A – Delta.

C – Confere.

B – Lote?

A – Prata.

C – Confere.

B – Tipo?

A – Mistura de robusta... não, isto não está a correr bem.

C – O que é que se passa?

A – A amostra não é pura. Foi contaminada. Misturaram as borras do café com as borras do descafeinado.

C – Recomendar separação do café e do descafeinado.

B – Proveniência?

A – Diversas. Não definível. Predomínio da América do Sul... talvez.

C – Indefinida.

B – Quantidade?

A – Sete doses.

C – Não confere.

A e B - ...?

C – A faturação indica apenas 5 vendas. *(passa as suas folhas a B)*

B – Bem, poderemos então deduzir que *(para o intercom)*: A - Nem todos os sujeitos pagaram; ou B - Existiu consumo não declarado por elementos da organização.

C – Confere. *(vai buscar uma cápsula vazia ao cesto)*

A – Arquivamos?

B – Arquivamos. *(enrola todas as folhas de dados do público)*

A – Compactamos?

C – Compactamos.

A (no intercom, para D) – Compactar!

Ouve-se um som de alarme. B e C viram-se, tapam os ouvidos em posição de proteção. A esmaga borras com um martelo. Guarda amostra compactada e material de análise no carrinho e leva-o para fora.

C e B encapsulam os factos. C leva cápsula para o armário.

Ouve-se o som que alerta para o trabalho de administração de testes.

A prepara-se para tomar notas. B e C demonstram com cadeados que têm no bolso da bata.

D (off) – O desafio que se segue vai testar o modo como raciocina numa situação de pressão. Tem 30 segundos para descobrir a solução do cadeado que se encontra fixado na perna direita traseira da sua cadeira. Como divide o tempo é da sua responsabilidade ainda que seja aconselhável dedicar atenção a cada um dos 3 rotores.

Os 30 segundos começam a contar após ouvir uma campainha e a palavra COMEÇAR. Se conseguir desbloquear o cadeado deverá levantar o braço. No final dos 30 segundos soará novamente a campainha bem como a palavra TERMINAR. A partir deste momento não deverá voltar a interagir com o cadeado da sua cadeira. Para efeito do exercício, por favor trate esta situação como real e comporte-se como se comportaria numa situação semelhante na realidade. (...) *Start*.

C – Começar.

A toma nota da reação do público.

D (off) – Stop!

B – Terminar.

Os três juntam-se. Comparam as notas de A. Depois olham para o dossier.

C – Parece-me que estamos perante uma realidade em mutação.

A – Sim. Mas um facto é um facto é um facto.

C – Tivemos acesso a alguns factos a que não demos o devido relevo.

B – E entretanto temos factos novos.

A – Pessoalmente eu acho que-

C (pressionando um botão na mesa para cortar a comunicação) – Pessoalmente?

A – Não. (*C retoma a comunicação aberta*) Objetivamente. Eu acho que devíamos voltar ao início.

B – Voltamos ao início?

C – Voltamos ao início.

#### 4

A (*lendo*) – Processo Processo F788/13 / Primeira Parte  
Sujeito: Turing, Alan.

B – Segundo nome?

A – Mathison. Informação Inicial:

“Turing, Alan Mathison, 23 de Junho de 1912. Matemático, lógico, criptoanalista e cientista de computação britânico.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Turing trabalhou para a inteligência britânica e planeou uma série de técnicas para quebrar os códigos alemães, nomeadamente os produzidos pela máquina Enigma. Utilizada pelos nazis, a Enigma permitia a codificação complexa de mensagens mediante a utilização de um sistema com pelo menos três rotores em sequência. O contributo de Alan Turing revelou-se essencial para a vitória Aliada na II Guerra Mundial e a derrota de Adolf Hitler.

No trabalho que desenvolveu após a guerra, (*C vai a um armário e traz para a mesa uma fita de computação*) formalizou o conceito de algoritmo e desempenhou um papel essencial na criação do computador moderno, do qual é frequentemente considerado “Pai”. (*B vai a um armário e traz para a mesa um saco com papel cortado em tiras*) Em sua homenagem, é atribuído desde 1966 o “Prémio Turing”, considerado o Prémio Nobel da Computação.

B (*lendo*) – Informação que foi considerada irrelevante:

Em 1952 foi condenado por homossexualidade e sentenciado a castração química. (*C vai a um armário e traz para a mesa um soutien*) Foi forçado a fazer tratamento com hormonas femininas, o que lhe causou impotência e o desenvolvimento dos seios.

Em 1954, Turing foi encontrado morto no seu quarto, (*A vai a um armário e traz para a mesa uma maçã*) envenenado com cianeto, encontrando-se uma maçã meia comida na cabeceira a seu lado. A tese do suicídio foi considerada a mais provável. Alguns conhecidos consideraram a sua morte uma possível referência à história “Branca de Neve”, o conto de fadas favorito de Turing. A maçã nunca foi testada para a presença de cianeto.”

C (*lendo*) – Informação recebida após a conclusão do processo:

“O governo britânico confirmou que apoiará uma proposta de lei que irá perdoar postumamente Alan Turing. O anúncio marca uma mudança de conduta do governo, que ainda o ano passado

recusou atribuir perdões póstumos a cerca de 49,000 homens homossexuais, que foram condenados ao abrigo do Criminal Law Amendment Act de 1885. Alguns académicos estão mesmo a solicitar uma reabertura do inquérito que declarou a sua morte como suicídio, apesar de não ter sido encontrada nenhuma nota de suicídio.”

A – Novas conclusões?

B – Em primeiro lugar temos que o sujeito Turing, que antes se apresentava como culpado, surge agora desculpabilizado.

C – Diria antes desculpado.

B – Mas isso não o torna inocente.

C – Inocente propriamente não. Talvez inocentado.

B – Em segundo lugar, passam a existir três hipóteses relativas à sua morte: A - O sujeito Turing terá cometido suicídio, ingerindo cianeto; B - O sujeito Turing terá sido vítima de ingestão acidental de cianeto; C - O sujeito Turing terá sido envenenado com cianeto pelos nossos colegas do MI5...

A – ... ou pelo menos terão indicado ao sujeito que o suicídio seria a única saída aceitável dado o seu comportamento.

B – ...portanto um acidente induzido...?

C – ...ou um auxílio ao suicídio ...?

A – ...ou um homicídio com assistência da vítima?

B – Em terceiro lugar temos a questão da Branca de Neve.

A – Permitem-me que cite?

C – Vai ler a “Branca de Neve”?

A – Não é necessário. (*citando*) “A velhinha dirigiu-se à casa dos sete anões-

C – Sabe de cor?

A – Só a cena da bruxa. (*citando*) “A velhinha dirigiu-se à casa dos sete anões com um cesto de bonitas maçãs vermelhas: Tenho maçãs saborosas e vermelhinhas para vender, disse ela. A Branca de Neve estava à janela e não resistiu a ficar com uma. Mas assim que a trincou, caiu desmaiada no chão. A maçã tinha sido envenenada.”

C – A velhinha é uma bruxa?

A – Não. A velhinha é a Rainha disfarçada.

B – E quem é que se disfarça?

A – Os travestis.

C – E os Agentes Secretos.

B – Confere.

*Silêncio. Mal estar geral.*

A – Isto não tem sentido. Pelo menos agora ainda não tem sentido.

## 5

*Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. C vai buscar uma cápsula. Abre e B tira a folha.*

B (*Iê*) – “Facto: Os humanos partilham 60% do seu ADN com a banana.”

*Pensam.*

A – Mas se o ser humano é 60% banana, isso não significa que a banana seja 60% humana. Imaginemos uma banana (*desenha*): tem x por cento de homem, mas terá por certo outras percentagens de outros seres vivos, por exemplo, 20%...

B – Pato.

A (*escreve*) – 20 % pato...

C – Pepino.

A – 20% pepino.

B – Cárie.

A – A cárie é o resultado da ação de certos seres vivos. Vamos pôr (*escreve*) 20% bactérias... Mais 20% de...

B – Algodão.

A – Algodão... pode ser. Portanto (*B dirige-se à máquina de escrever*), resta-lhe apenas 20% de homem. Ou seja...

C (*ditando a conclusão*) – O facto não nos permite deduzir o seu contrário.

B (*escrevendo*) – O facto não nos permite deduzir o seu contrário.

*A observa o papel em silêncio.*

C – Então?

A – Isto é perturbador... não sei bem por quê... (*lé*) “Facto: Onze letras” escreve-se com dez letras; “catorze letras” escreve-se com treze letras, “dezassex letras” escreve-se com quinze letras

C – Estranho...

B (*saindo da máquina*) – Há um padrão...

A – Parece... Não, esperem! (*passa o papel a B e escrevinha*) “Doze letras” escreve-se com 10 letras! Deviam ser 11!

C – Então não há padrão!

A – E “treze letras” escreve-se com 11 letras! Deviam ser 12.

B – Não há padrão.

A – E “quinze letras” escreve-se com 12 letras! (*satisfeito*) Não há padrão!

B – Foi só uma ameaça de padrão.

C – É destruir! “Não relevante!”

*B guilhotina o papel, A tira da máquina a Conclusão 1 e entrega-a a B, que lhe entrega o Facto 2. A destroi o Facto 2 no destruidor. B dá o facto 1 e Conclusão a C, que os guarda na cápsula, leva-a para o armário e traz outra. A tira a folha e lê:*

A – “Facto: Regra geral, demora mais tempo contar uma mentira do que contar uma verdade.”

B – Muito fácil de comprovar! Façam-me duas perguntas. A minha resposta vai ser “Em geral prefiro frio”. Pensem nas perguntas de modo a fazer-me dizer a verdade e mentir. E cronometrem.

*A prepara-se para cronometrar com um botão da mesa.*

C – Como é que prefere beber o seu *ice-tea*? Quente ou frio?

B – “Em geral prefiro frio.”

D (*no intercom*) – Três segundos e duas centésimas.

C – Quando chega a casa num dia de chuva, em pleno Inverno, está a pingar da cabeça aos pés, a temperatura é de dois ou três graus, como é que prefere o seu banho? Quente ou frio?

B – “Em geral prefiro frio.”

D (*no intercom*) – Três segundos e nove centésimas.

C – São 7 centésimas a mais!

B – Chega perfeitamente!

C (*pegando na folha*) – Comprovado!

A – Comprovado!

C – “Facto: A melhor maneira de roubar uma palavra-passe é espreitar por cima do ombro do utilizador.”

A – Não compreendo.

B – É simples: Por muito boa que seja a palavra-passe (*passa nas costas de C*), basta uma pequena distração e... (*chama a atenção de C de um lado e, pelo outro, arranca-lhe a folha das mãos*)

A – Claro, é sempre o elemento humano que falha.

*B vai guardar a cápsula no armário. A e C tiram as batas.*

.

*Simulando uma conversa telefónica com o apoio técnico:*

C – Perdi a minha palavra-passe, preciso de definir uma nova.

A – Perdeu?

C – Perdi. Fiquei sem ela. Quero dizer... esqueci-me.

A – Esqueceu-se...

C – Posso definir uma nova?

A – Com certeza. Pode dar-me o código de desbloqueio?

C – O código de... O que é isso?

A – Ao definir a conta definiu também um código de desbloqueio para este tipo de situação.

C – Não me lembro.

A – Geralmente é a resposta a uma pergunta simples, como “Qual o nome do seu melhor amigo?”

C – Ah, e o que é que eu disse?

*A e B riem em silêncio.*

A – Isso não sabemos, só você sabe a resposta.

C – Exato. Então... o Zé? O Manel? O Renato?

A – Não.

C – A... Isabel?

A – Isabel com s ou z?

C – S acho eu...

A – Não!

C – Então Z...

A – Também não.

C – Assim é difícil, não é possível desbloquear de outra maneira?

A – Pode dizer-me a sua data de nascimento? DD/MM/AA, por favor.

C – Certo. Um, três, um... zero, espere... “DD/MM”... isso, zero... um seis e um/

A – Já tem números a mais!

C – Não, quero dizer, no final é “seis, nove”.

A – Disse “um, seis”...

C – Não era “um um” era um de “1”, mas era um “seis”...

A – Dê-me antes o seu NIF.

C – 144191113

*Silêncio.*

C – Precisa de mais alguma coisa? A morada, o nome completo...?

A – Não obrigado, não é necessário. Através do NIF já posso ver aqui toda a sua informação. Está então preparado para definir uma nova palavra-passe?

C – Sim: 12345.

*A e B riem em silêncio.*

C – Estou?

B – Essa palavra-passe já está a ser usada.

C – Então... 123456.

B – Essa palavra-passe já está a ser usada.

C – Então...

B – Também já estão a ser usadas as seguintes: “1234567”, “1234”, “palavra-passe”,

“1,2,3,4,5,6,7,8” e... “qwerty”.

C – É difícil assim...

A – O melhor é definir qualquer coisa original, até por uma razão de segurança.

B – Pense em qualquer coisa que só você sabe. Um desejo, uma memória...

C – Ah... sim, estou a pensar numa coisa.

B – Só você é que sabe?

C – Sim, nunca confessei isto a ninguém.

B – Muito bem, então diga-nos.

C – Digo?!

A – Oh, não se preocupe, nós não estamos a ouvir!

B – Estamos a escutar, mas não estamos a ouvir. Estamos a trabalhar. É como se não estivéssemos aqui. Só nos interessa ajudá-lo.

C – Bom, então... Quando eu fui à Eurodisney com a minha família... havia muita gente na fila para pedir um autógrafo e dar um beijinho à Cinderela... a princesa... e eu... não disse nada, mas tive muita vontade de ir para a fila.

*Silêncio.*

C – Estou?

A – Muito bem. Agora o que fazemos é decompor essa memória que só você conhece numa série de termos abreviados. A sequência desses termos será a sua nova palavra-passe.

C – Percebo...

*A e B trabalham com murmúrios.*

A – Temos Cinderela... pode ser Cind... Cin...

B – Mas ele não foi lá...

A – Cin mas...

B – Temos uma fila...

A – Muita gente...

B – Turba...

A – Cinmasturb...

B – Precisamos de um número, para reforçar a segurança.

A – *Underscore*...

B – Quantos eram, na sua família?

C – Quatro.

A – A sua nova palavra-passe; faça favor de memorizar: Cinmasturb\_4

C – O quê? Mas o que é que isso tem a ver...?

B – A memória é sua, nós não sabemos nada. Foi o desejo que escolheu, e é dele que se vai lembrar sempre que aceder ao nosso site.

C – Eu não me vou lembrar disso... não tem nada a ver com... Oiçam, eu quero outra palavra-passe qualquer!

A – Quer que geremos uma palavra-passe aleatória?

C – Sim!

A – Com certeza, só um momento. (*silêncio*) Vou então dar-lhe a sua nova palavra-passe. Tem de a memorizar porque a partir de agora não poderá mais aceder a ela de outro modo.

C – Muito bem.

A – pQrdd76xi

C – pQrdd76xi. Está!

A – Agora só falta definir a pergunta de segurança.

C – Pergunta?

A – Sim, caso precise de desbloquear novamente.

C – Muito bem, qual é a pergunta?

*A e B riem em silêncio.*

C – Estou?

A – O senhor é que decide a pergunta.

B – Nós aqui só tomamos nota, não decidimos nada.

A – Convém ser qualquer coisa que não consiga esquecer.

B – Mas cuja resposta não seja fácil.

C – Como por exemplo?

B – Com que idade deixou de fazer xixi nas cuecas?

*Silêncio.*

C (*baixo*) – Acho que... uns quatro anos...

A – Com que idade perdeu a virgindade?

C (*ainda mais baixo*) – Vinte e dois...

A (*alto*) – Como?

C – Vinte e dois...

*A e B riem em silêncio.*

B – Com que frequência toma banho?

C – Todos os dias.

B – Quantos banhos toma por semana?

C – Sete.

B – Quantos banhos toma por semana?

C – ... uns quatro...

A – Pode dizer-me a sua palavra-passe?

C (*confuso*) – Como?

B – Agora estamos só a definir a pergunta de segurança.

A – Mas se não decorou a palavra-passe que lhe dei isto não vale de nada!

C – Sim, era... pqr... perdão, p, Q maiúscula, r, dd, 5, não 6,7, não sei se nesta ordem...

A – Já não se lembra, pois não?

*Silêncio.*

C – Não há outro método?

B – Bom, sim. Existem outros métodos no mercado, mas não são necessariamente mais simples.

A – Se pretende segurança, não pode ter simplicidade.

B – Para além disso, são métodos que implicam um certo controlo do corpo.

C – Acho que isso para mim seria mais fácil do que memorizar.

B – Bom, então podemos experimentar a ingestão de comprimidos. Escolha uma sequência de seis cores.

*A apresenta comprimidos coloridos para que C defina sequência.*

C – Laranja, vermelho, verde, verde, azul, amarelo.

B – Esse passa a ser o seu código pessoal. Agora só tem de engoli-lo.

*C vai engolindo os comprimidos.*

A – O conteúdo dos comprimidos é ativado pelo ácido no estômago e envia um sinal de 18 bits, semelhante ao de um ECG. O sinal pode assegurar a autenticação em equipamentos digitais e dura cerca de 24h – até o comprimido sair do organismo.

B – Agora só tem de ser capaz de ativar eficazmente o ácido do estômago. Imagine que se está a aproximar do equipamento de autenticação. Comece a enervar-se com uma certa antecedência...

C (*simulando aproximar-se*) – Cabrão do preto a estacionar no meu lugar...

B – Não!

A – Isso é muito fraco!

B – Esse tipo de acusação só serve para libertar o nervosismo, projetar noutro a sua culpa. Não, tem de escolher qualquer coisa que o dilacere por dentro, que o irrite mesmo! Tem de ter a ver consigo.

C – Percebo... (*repete*) És estúpido, então deixaste o cabrão do preto estacionar no teu lugar?

B – Não!

A – Vai dar ao mesmo!

B – Tem que ter MESMO só a ver consigo! Tem de ser culpa sua, problema SEU! Pense...

A – Tem tanta coisa por onde pegar!

B – É baixinho, tem as pernas tortas...

A – Está a ficar careca, tem os dentes tortos...

B – É pitosga, está a ficar velho, tanta coisa!

C (*irritado*) – Não vales nada! És uma merda! SOU uma merda (*chega ao equipamento, que não apita*)

A – Ah, não deu...

B – Pois, faltou-lhe convicção. Este método não é para todos...

A – Podemos experimentar o método do batimento cardíaco.

C – O que é que eu tenho de fazer?

B – Nada, coloque-se frente ao equipamento. Ele vai fazer uma leitura do seu batimento cardíaco.

C *espera, pacientemente.*

A – O batimento cardíaco de cada pessoa é único – tão único, que nenhum padrão de batidas se repete.

B – Pronto, agora a única questão é que tem de reproduzir este padrão que gravou sempre que se aproximar de um aparelho de identificação.

C – Parece-me fácil...

A – Parece...

B (*segurando uma coluna contra o peito de C*) – Ora vamos lá...

*Ouve-se uma batida descompassada, que vai ficando mais rápida.*

B – Então, o que é isto?

C – Talvez esteja nervoso...

A (*berra*) - Acalme-se homem, se não, não funciona!

*A batida aumenta.*

B – Baixe-me isto! O que é que está a fazer? Controle-se!

C – Estou a tentar...

*A batida aumenta mais.*

B – Esqueçam!

A – Este método não é para todos...

*Os três regressam à mesa. Olham para o dossier.*

## 7

A (*lendo*) – Processo F788/13 / Segunda Parte  
Sujeito: Snowden, Edward.

B – Segundo nome?

A – Joseph. Informação Inicial:

“Snowden, Edward Joseph, 21 de junho de 1983. Ex-analista de inteligência americano. Foi colaborador da Agência de Segurança Nacional (NSA) e ainda funcionário da Agência Central de Inteligência (CIA).

No início de 2013 Snowden revelou à imprensa *(C vai a um armário e traz para a mesa um cubo de Rubik)* detalhes de vários programas altamente confidenciais de vigilância eletrônica dos governos de Estados Unidos e Reino Unido. Os jornalistas encontraram-se com Snowden em Hong Kong, e reconheceram-no através de um cubo de Rubik que o analista tinha em sua posse. Em reação às revelações, *(B vai a um armário e traz para a mesa um conjunto de documentos assinalados como Top Secret)* o Governo dos Estados Unidos acusou-o de espionagem, roubo de propriedade do governo e comunicação intencional de informações classificadas.

No fim de Junho Snowden viajou para Moscovo, onde passou mais de um mês no Aeroporto Internacional, aguardando asilo político. A 1 de agosto de 2013 *(C vai a um armário e traz para a mesa um pequeno táxi de brincar)* deixou o aeroporto dentro de um táxi, um Sedan cinzento que não chamou as atenções, em direção a um destino que ele próprio escolheu. O táxi entrou numa estrada conhecida pelas suas filas de trânsito. *(B vai a um armário e traz para a mesa um saco com papel cortado às tiras)* Edward Snowden não voltou a ser visto.”

B *(lendo)* - Informação que foi considerada irrelevante:

Em 2004, Snowden alistou-se nas Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos, mas não completou o treino. Em 2006, terá afirmado que não tinha problemas em conseguir trabalho, porque era um "génio da computação. Em 2011 obteve um mestrado on-line. Recentemente foi recomendado para a atribuição do Prémio Nobel da Paz. Recomendação essa que será considerada em 2014.

C *(lendo)* - Informação recebida após a conclusão do processo:

O advogado russo de Edward Snowden garantiu que o norte-americano passa bem, dizendo que "ele é bastante sagaz e aprende rapidamente o idioma russo".

Snowden recebeu várias ofertas de emprego, mas ainda não decidiu sobre o seu futuro. “Ele está a pensar no assunto.”, disse o advogado russo. Disse ainda que o pai do ex-analista já o visitou, e a mãe e os avós têm a mesma intenção.

Snowden aproveitou para fazer algumas viagens pela Rússia. “Ele viaja porque está muito interessado na nossa história”. Procura também conhecer a cultura russa por meio da leitura de livros, tais como o “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski. *(A vai a um armário e traz para a mesa uma cópia do “Crime e Castigo”)* “Já fiz uma lista de obras clássicas, que permitem conhecer melhor as tradições e costumes russos”, acrescenta o advogado.

Snowden disfarça-se sempre que sai de casa. “É tudo uma questão de roupas e de fazer pequenas alterações à aparência.” – disse o advogado, acrescentando: “Ele podia passar por si na rua que não o ia reconhecer.”

*Olham desconfiados para os espetadores do sexo masculino.*

A – Novas conclusões?

B – Mais uma vez o fluxo de dados novos inicia-se em agosto.

C (*cortando a comunicação*) – Precisamente quando encerrámos o dossier, para ir de férias.

B – Se calhar não devíamos ter ido de férias...

C – Não devíamos ter ido de férias. (*retoma a comunicação aberta*)

A – Os factos são claros quanto à sua culpa.

B – Mas há forças no... (*hesita*) como se diz... no...

A – ... no ar?

B – Não. Na...

C – ... na sombra?

B – Na sociedade civil. Forças que apontam num outro sentido.

C – E o táxi? (*pega no objeto*)

A – Um Sedan cinzento.

C – Porque terá optado por sair do aeroporto num táxi?

B – Privacidade?

C – E porque optou por um percurso suscetível de engarrafamentos?

B – Para nos confundir?

A – Não temos factos. Temos apenas alegações do seu advogado.

C – Só do seu advogado.

B – Quem é que nos garante que é mesmo o seu advogado russo?

A e C – ?

B – É um russo. Pode estar a falar pelos russos. Tudo o que nós julgamos saber foi contado pelos russos!

C (*colocando o cubo de Rubik em cima do táxi*) – E quem viu isto? Quem viu o sujeito Snowden no táxi?

A e B – ...?

C – Quem viu o sujeito Snowden a abandonar o aeroporto?

A *(consultando a informação)* – Os jornalistas?

C – Os jornalistas... ou agentes russos fazendo-se passar por jornalistas...?

A – Portanto: o sujeito Snowden pode nunca ter saído do aeroporto para Moscovo. Não há um único facto que o demonstre inequivocamente. E que sentido teria, depois de tudo o que fez, entregar-se aos russos?

B – Passamos então a ter três hipóteses relativas ao seu estatuto: *(vai passando objetos a C, que os passa a A)* A - O sujeito Snowden goza do estatuto de refugiado político na Rússia; B - O sujeito Snowden estará a ser coagido pelos russos a permanecer no seu território; C - O sujeito Snowden já nem sequer se encontra na Rússia.

*Silêncio. Mal estar geral.*

A – Continua a não fazer sentido. *(olhando os objetos)*. Mas sinto que nos aproximamos de conexões relevantes entre a informação.

*Ouve-se o som que alerta para o trabalho de administração de testes.*

*A e B vão buscar um carrinho com o material para o teste: duas grandes impressões fotográficas.*

D *(Off)* - O desafio que se segue vai testar o modo como analisa informação numa situação instantânea. Tem 60 segundos para observar duas imagens e descobrir as diferenças entre elas. Os 60 segundos começam a contar no momento em que se ouvir a palavra COMEÇAR. No final dos 60 segundos ouvirá a palavra TERMINAR e as imagens deixarão de estar disponíveis para consulta. Deverá memorizar as diferenças encontradas. O argumento e os dados aqui contidos não são ficcionais e não pretendem refletir uma determinada visão ou um determinado processo. Para efeito do exercício, por favor trate esta situação como real. (...) Start!

C – Começar.

*A e B circulam frente ao público, em sentidos opostos, expondo as duas fotos, nas quais se vê a imagem de uma carrinha atacada pelas forças americanas. Numa das fotos vê-se a perspectiva aérea assinalando a carrinha como um alvo a abater. Na outra foto vê-se em plano aproximado que estão duas crianças dentro da carrinha. C toma notas sobre a reação do público.*

D (*off*) – Stop!

C – Terminar.

*A e B arrumam o material.*

## 8

*Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. C vai buscar cápsula. Abre e A tira uma folha.*

A (*lendo*) – “Facto: Até aos anos 50 não existia sapato esquerdo e direito.” Ora essa! Será verdade?

B – Se diz aí, é porque é.

C – Mas como é que eram os sapatos?

B – Deviam ser iguais. Sempre a direito.

A – Devia ser muito desconfortável... (*imita as pessoas a andar com dois sapatos iguais*)

C – Penso que temos uma outra informação relacionada. (*vai ao armário buscar a cápsula e distribui anexos da mesma a A e B. Lendo*) “Facto: Não existe um pé universal. O formato dos pés pode ser distinguido em maioritariamente três tipos principais, tendo em consideração o tamanho dos dedos: o pé grego, o pé egípcio e o pé romano. No pé grego (*dá uma ilustração a B*) o 2º dedo é mais comprido que o 1º e os restantes vão diminuindo em relação a ele. No pé egípcio (*dá uma ilustração a A*), o 1º dedo é o maior e os seguintes vão diminuindo progressivamente. O pé romano (*mostra outra ilustração*) é aquele em que o 1º e o 2º dedos têm o mesmo comprimento e os seguintes vão diminuindo progressivamente.”

*Descalçam-se e observam os seus próprios pés. Colocam as ilustrações no chão e vão saltitando de um lado para o outro, até encontrarem a correspondente ao seu tipo de pé.*

B – Egípcio!

C – Grego!

A – Romano!

*Olham uns para os outros.*

A – Não é curioso sermos três e sermos representantes destas três descendências?

B – Acha que é uma coincidência?

*Silêncio desconfortável. C interrompe a comunicação aberta.*

C – Vocês... mostraram os pés no processo de seleção?

*Os outros confirmam.*

C – Eu também.

A – Não pode ser coincidência...

B – Será que há outras secções só com egípcios ou só com romanos?

C – Provavelmente.

B – E nós somos uma espécie de secção de controlo?

A – Imaginam como será uma secção só com gregos?

*Riem-se. C abre a comunicação.*

C – Mas porque é que alteraram os sapatos nos anos 50?

A (*pegando na folha de factos*) – Se calhar estamos a olhar mal para estes factos. Se calhar estão todos relacionados entre si e nós não estamos a ver as ligações... Não devíamos descartar informação sem a tentar relacionar com a precedente e a conseqüente... (*lendo*) “Facto: Por ano apertamos a mão a cerca de 7 homens que se masturbaram recentemente e esqueceram de lavar as mãos.” “Homens” no sentido “machos” ou no sentido “Pessoas”, “Humanidade”?

B – Homens, claro! Não mulheres!

C – Como é que sabe?

B – Seria muito improvável estarem a referir-se a mulheres...

A – Porquê improvável?

B – Por... vários motivos... óbvios!

C – Como quais?

B – As mulheres não se masturbam tanto, nem dão frequentemente apertos de mão! E sobretudo...

A e C – O quê?

B – São mais limpas!

A – Que disparate!

C – Que provas é que tem disso?

B – Podíamos talvez comparar com a informação sobre os sujeitos presentes recolhida no WC?

C – A nossa informação não inclui este parâmetro de observação. *(vai para a máquina de escrever).*

A - No máximo podemos fazer uma recomendação aos serviços para que se inclua estes parâmetros na recolha dos grupos futuros.

C *(escrevendo à máquina)* – O facto não é suscetível de confirmação nesta secção.

B *(lendo)* – “Facto: O governo dos Estados Unidos tem um plano para lidar com um Apocalipse Zombie.”

A – É verdade!

B *(simultaneamente)* – Que disparate!

A – Não, não, é certamente verdade!

B – “Zombie” deve ser uma gralha!

A – Não! Os Estados Unidos têm planos para lidar com todo o tipo de Apocalipses. Eles estão preparados para tudo! Porque é que acham que as bombas de gasolina têm forma de pistola?

C – Porquê?

A – Porque em caso de um ataque desses zombies a população pode correr para as bombas e empunhar as pistolas, fazendo um lança-chamas muito eficaz!

B – Será por isso que nos anos 50 criaram os sapatos esquerdo e direito?

C – Como é que isso está relacionado?

B – É óbvio! Reparem: *(faz sinal a A para se colocar ao seu lado)* Estamos num local qualquer dos Estados Unidos, por exemplo...

A – Milwaukee.

B – Milwaukee. *(aponta para C)* O governo americano lançou um alerta para um eminente ataque de zombies.

*C empunha duas cápsulas como se fossem armas.*

B – Agora vejam: *Downtown* Milwaukee, Abril de 1948. Eu sou uma dona-de-casa a fazer as suas compras habituais. Como qualquer outra pessoa, calço dois sapatos iguais, todos direitos. Ao meu lado, no passeio, caminha um zombie.

*A e B avançam para C com um andar torto.*

B *(para C)* – Quem é que vai matar?

C *(enervado)* – Não consigo distinguir!

*A e B voltam para trás.*

B – Agora reparem: *Downtown* Milwaukee, Outubro de 1951. Eu vou às compras na mesma, mas calço agora dois sapatos diferenciados, esquerdo e direito. Ao meu lado, no passeio, caminha um zombie.

*A e B avançam para C, A com um andar torto, B a caminhar confortavelmente.*

C *(grita)* – Cuidado, senhora! Está um zombie ao seu lado!

*B desvia-se e C dispara sobre A.*

C – De facto é muito mais eficaz.

B – Não pode ser coincidência!

A – Colocaram a masturbação no meio para nos baralhar, mas no fundo está tudo ligado...

C – Quanto mais olho para a informação, mais ela faz sentido.

B – Sentido já fazia. Agora começa é a fazer sentidos.

*B arruma a informação sobre os pés. A guilhotina os factos, separando o facto 2 dos 1 e 3. C retira a conclusão do facto 2 da máquina de escrever e destrói-a. A entrega o facto 2 a C, que também o destrói. A entrega factos 1 e 3 a B, que os guarda na mesma cápsula da informação sobre pés. B leva cápsula para o armário. A guarda a cápsula vazia no cesto.*

9

*Os analistas param o que estão a fazer e olham uns para os outros.*

B – Seremos demasiado rigorosos?

C – Não. Estamos a trabalhar.

A – Chegamos de manhã com uma mochila pequenina, abrimos o cacifo, tiramos todos os objetos pessoais dos bolsos, metemo-los na mochila, tiramos o lanche da mochila, metemos a mochila no cacifo, vestimos a bata, fechamos o cacifo e entramos. No fim da tarde abrimos o cacifo, penduramos a bata, tiramos a mochila, guardamos os objetos pessoais, fechamos o cacifo e saímos. Nada de especial.

C – Nada de especial. Analisamos. Julgamos.

A – Mas não estamos no terreno de operações.

B – Não.

C – Eu às vezes gostava de estar no terreno de operações. Ter uma vida dupla, técnicas de combate, interrogatórios, fugas.

A – Lá fora, quando estás no terreno, a missão é uma constante mas todos os dias são diferentes. E não podes contar a ninguém.

B – Imaginem: Vocês são um casal. (A e C tiram as batas) Estão em casa a preparar um jantar para uns amigos que estão quase a chegar. (aponta para C) Ele é um agente.

C – Eu sou um agente. O que é que estamos a fazer?

B – *Penne*, com *ricotta* e *funghi*.

C – Mas alguém faz isso?

A – Eu faço, e até faço a minha própria *pasta*.

C – E é preciso fazer mesmo massa fresca?

B – Claro, o contexto tem de ser real, para ter espessura.

C – Mas os *penne* são muito difíceis de fazer.

B – *Fettuccine*, então?

C – Faz tu a massa e eu faço os cogumelos. (*trocam de lugar*)

B – OK. (*aponta para A*) Ele é um agente.

C – Eu estou a cortar os cogumelos.

A – São frescos?

C – Claro.

*B simula que o telemóvel de A toca.*

A (*assertivo*) – Podes ir ver quem é?

C – Mas já estás a gritar comigo?

A (*gritando*) – Eu não estou a gritar!

C – É sempre a mesma coisa, não podemos ter uma noite descontraída, comes logo a gritar por qualquer coisa?

A – Eu só perguntei se podias ir à porta!

C – Perguntaste aos berros! Tens de ser tão bruto?

A – E tu tens de ser tão sensível?

B – Parem com isso! Para que é que estão a discutir? Não é a porta, é o telemóvel do agente!

A – Ah, não percebi. Eu não devia ter um toque especial para quando ligam da Agência?

*B simula novamente o toque.*

A (*para C*) – É o meu...

*A finge ouvir instruções e disfarçar. Desliga e volta à massa.*

A – Vou só terminar isto e depois vou ter de sair um bocadinho, está bem?

C – Sair? Estás a brincar?

A – Não imaginas! Um idiota fez uma confusão nas encomendas e se eu não for agora ao escritório resolver isto, amanhã não temos stock para poder trabalhar.

C – Mas...

A – Eu não demoro... Vais adiantando as coisas, quando eles chegarem começam a comer, e vais ver que à hora da sobremesa já cá estou.

C (*amuado*) – Combinámos isto há imenso tempo, e agora deixas-me a fazer tudo sozinho!

A (*descontrolado*) – Tu não estás a perceber! Passas o dia todo em casa sem fazer nada e não percebes que há um mundo lá fora que não pára só porque tu tens um jantar!

C – Eu não faço nada?

A – Não!

B – Não! (*para A*) Não te ponhas a discutir agora! Estás a perder tempo. O transporte está quase a chegar, e ainda tens de arranjar maneira de sair de casa com o material de escalada sem ele perceber nada!

A *acalma-se*.

A (*doce*) – Vá, vai abrindo uma garrafa de vinho. Vais ver que quando essa garrafa acabar, eu estou de volta para abirmos a segunda juntos.

C *sorri*. A *afasta-se, como se fosse ao quarto*.

B (*para A*) – A mala com o equipamento de escalada não está no sítio onde a guardaste.

A (*para C*) – Viste a mala rosa que tinha o equipamento de escalada?

B – Mala rosa? Porquê rosa? Por serem gays?

A (*para C*) – Viste a mala roxa que tinha o equipamento de escalada?

B – Roxa? Só para não dizer que é rosa? Põe-se uma pinta de azul no rosa e já está?

A (*para C*) – Viste a mala velha que tinha o equipamento de escalada?

C (*distraído*) – Para que é que queres agora o equipamento de escalada? Está no carro.

*A vira-se, como se fosse para a garagem.*

C – Mas a minha irmã levou o carro.

*A paralisa. C continua a tratar dos cogumelos.*

B – Agora é aquele momento crucial! Reacção de choque, preocupação, raiva! Por causa dele toda a missão foi comprometida. Vai ser preciso improvisar. Ele não faz ideia da gravidade da situação.

A (*entredentes*) – Estúpido!

B – Mas toda essa reacção só pode durar um segundo. E ele não pode perceber nada.

C – Porquê? Querias a mala? Para quê?

A (*simulando despreocupação*) – Não, por nada. Lembrei-me. Não tem importância. (*para B*) Os serviços vão ter de me ajudar! Têm de me arranjar algum contacto que me forneça outro material rapidamente! Mas entretanto saio.

B – E isto é só a dificuldade de sair em missão. Imaginem agora o que é voltar de uma missão para um ambiente destes!

C – Eu estou a ver televisão.

*A vai buscar uma televisão portátil e entrega-a a B.*

B (*para A, enquanto dá a televisão a C*) - Estás muito cansado, exausto, à beira do trauma até. Vários dos teus colegas morreram. Passaste por coisas horríveis. E quando chegas a casa... Ele está a ver as notícias acerca da operação em que tu participaste e está muito impressionado.

C (*para A*) – Já viste isto? Estes tipos são fantásticos. Estava aqui a pensar que também me podia candidatar a um trabalho destes, nos serviços secretos.

A – Estavas a pensar em quê? Tu, a trabalhar numa agência de informação?

B – Não te podes irritar! Tens de proteger o teu perfil. Fala com ele como falarias se viesses do escritório, como as outras pessoas.

A (*inspirando e sorrindo*) – Gostavas então de trabalhar numa agência de informação, meu querido?

B – Estás a ser sarcástico.

A – Gostavas de trabalhar numa agência de informação?

C – Sim, andar pelo mundo...

A – Achas que tens o que é preciso para ser um... agente?

C – Porque não? Tenho o cadastro limpo. Sou praticamente um cidadão modelo.

A – E achas que isso basta?

C – Faço desporto, sou de confiança.

A – Isso não basta. Aqui-

B (*interrompe*) – Aqui não, ali. Senão ele desconfia.

A – ALI é necessário tomar decisões em situações muito difíceis. E tens de saber distinguir o bem do mal.

C – Que exagero.

B (*tirando a tv a C*) – Dá-lhe um exemplo da tua experiência.

A – Imagina... anda, imagina: Estás no terreno, num pardieiro qualquer, prestes a completar uma missão de recolha de informação, vital para a segurança nacional. E no momento em que já tens a informação contigo e estás prestes a ser extraído, aparece uma criança.

C – Uma criança?

A – Sim, um miúdo, de 8 ou 9 anos, moreno (*faz sinal ao B para fazer de miúdo*). E o miúdo começa a gritar.

B (*tira a bata e, a fazer de criança, grita em espanhol*) – Americano! Americano!

A – O que é que fazes?

C – Não sei.

B (*gritando*) – Americano, Americano!

C *agarra B e tapa-lhe a boca.*

A – Eliminas o miúdo ou deixas que os gritos dele acordem toda a gente e comprometam a tua extração e a recolha de informação?

C – Caramba, mas nem tudo é branco ou preto! Eu não preciso de o matar, posso agarrá-lo e impedi-lo de gritar. Não vou fazer mal a uma criança, se o puder evitar. *(larga B e faz-lhe sinal de silêncio)*

B *(grita mais alto)* – Americano, Americano!

C *volta a agarrar B.*

A – Muito bem. Poupaste a criança. Agarraste-a. Mas a criança sabe Krav Maga.

B *liberta-se.*

C – Krav quê?

B *(fazendo de criança)* – Maga!

A – Krav maga! Combate próximo. Não é um desporto. É uma técnica israelita.

C – Mas como é que funciona?

A – Sem regras. A única coisa que interessa é neutralizar o adversário o mais rapidamente possível. Apontas às partes mais vulneráveis e utilizas qualquer coisa como arma.

C – Mas como é que uma criança pode saber isso?

B – Porque os pais quiseram prepará-la para a vida, não quiseram que ela fosse uma vítima.

A – Então, poupaste a criança não foi? Repara. *(Enquanto B demonstra em C)* Primeiro: Pancada bilateral na zona vital das têmporas e tens de a largar porque estás atordoado. Segundo, transformação de objeto quotidiano em arma mortal e já tens um tendão cortado. Estás de joelho, completamente indefeso. Terceiro, salta para cima de ti e enfia os seus pequenos polegares nos teus olhos até perderes os sentidos ou as órbitas cederem. Comprometeste a missão, perdeste a informação, foste capturado pelo inimigo. Fizeste um mau juízo. E agora, ainda por cima, vais ser interrogado.

*A e B agarram C e levam-no para interrogatório. Subitamente ouve-se uma música que marca pausa para o lanche.*

10

*Os analistas vestem as batas, separam-se e tiram do bolso da bata uns sacos com os seus lanches. Vão comer cada um para o seu banco, em silêncio.*

11

*A música do lanche termina. Os analistas guardam a comida. A e B tiram as batas. Dirigem-se a C.*

A (*retomando a cena*) – E agora, ainda por cima, vais ser interrogado!

B (*interrompe*) – Agora quero ser eu o agente!

*B é colocado em posição de interrogatório. A e C vão buscar um carrinho com material. A algema B.*

C – O que lhes interessa é um aeródromo: Construído na costa ocidental da europa, protegido por arame farpado e um imenso pinhal que os nativos utilizam para piqueniques domingueiros. E restrições de toda a espécie: circulação, construção, observação. E para quê? Para servir os teus aliados, para que os aviões dos teus aliados possam cruzar o mundo, de modo discreto, fazendo aqui uma paragem para reabastecer.

A (*mostrando uma foto*) – Que vãos é que fazem aqui escala?

B – Muitos.

A – O que é que transportam?

B – Mercadorias. Pessoas.

A – Mercadorias como? Armas?

B – Não sei.

A – Pessoas como? Detidas?

B – Não sei.

A – Para onde? De onde?

B – Não sei.

A – Rotas, origens, destinos?

C – As origens e destinos já fazem parte da rota.

B – Não sei.

A – Temos testemunhas, um morador, que vê tudo da sua varanda.

*C mostra uma imagem do morador na tv portátil. A mostra um diagrama. Circulam à volta de B.*

Morador (*em off*) – Havia vários modelos mas eu só reconhecia os F16. Muito barulho e três ou quatro juntos. Os outros deviam ser o último grito da aviação, aqueles que fazem a guerra sozinhos, se calhar invisíveis, se calhar sem piloto. Mais durante o dia, menos à noite. Mais nos períodos de conflito aberto no médio oriente.

B – Isso é tudo circunstancial. É um aeródromo! É suposto haver aviões a aterrar e levantar.

C – Eles têm fotografias aéreas, diagramas e testemunhas. Vais ter de soltar alguma coisa

B – Eu não sei nada. Eu não digo nada.

A – Nós podemos torturar-te. Nós somos os maus.

B – Eu não falo.

C – Vais ser torturado: um saco.

*A e C metem B num saco e atam-lhe a cintura.*

C – Tens poucos minutos até o ar acabar. É agora que tens de escapar. Mesmo que pareça impossível.

B – Eu consigo controlar-me, lembro-me dos treinos. Sei o que tenho de fazer. Tenho uma sequência para escapar e consigo executá-la enquanto vou falando com eles.

A – Uma rota!

B – Ah... Bolívia - Luanda...

A – Estás a gozar comigo? Iam passar em São Jacinto para ir da Bolívia para Luanda?

C – Essa informação não é plausível, as rotas têm de ser no hemisfério norte, de este para oeste e de oeste para este.

B – Lá estão vocês com o vosso mundinho em que tudo se passa da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Não podia ser de Luanda para... Reiquiavique? O mundo também se organiza de norte para sul e de sul para norte. *(liberta as mãos)*

C – Muito bem. Ganhaste tempo, tiraste as algemas, agora é só eliminar o interrogador e fugir daqui para fora. Vai.

*B liberta-se do saco.*

B *(demonstrando com A)* – Bato-lhe nas têmporas, corto-lhe um tendão e enfió-lhe os dedos nos olhos. *(retira o intercomunicador de A)* E fico com a arma dele.

A – Mas entra novamente a criança. *(faz sinal a C)*

B – Foda-se!

C *(gritando em espanhol)* – Americano, Americano.

A – O que é que fazes, o que é que fazes?

C *(gritando)* – Americano, Americano.

A – O que é que te pôs nesta situação?

B – Ter hesitado.

C *(gritando)* – Americano, Americano.

A – E o que é que te vai salvar?

B – Não hesitar. *(finge matar a criança com a arma)*

## 12

*Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. Os analistas vestem rapidamente as batas. B e C arrumam o material do interrogatório. A dirige-se ao armário e traz uma cápsula.*

C *(lendo)* – “Facto: Há uma droga que consegue fazer com que uma pessoa tenha um orgasmo cada vez que boceja.”

A – Deve ser bom...

B – Bom? É terrível! Se pensarmos bem, é a pior forma de tortura possível! É uma tortura do sono muito mais refinada...

A – Pois é... Estamos a morrer de sono, começamos a adormecer e *(simula bocejar e ter um orgasmo)*

B – Que horror!

C – Nunca conseguimos mesmo dormir. Assim que começamos a *(simula um bocejo)*

*Os três gemem como se estivessem a ter um orgasmo.*

A – É terrível!

C – E como ainda por cima o bocejo é contagioso...

B – Na prática é uma arma de destruição massiva! Basta abrir a boca...

*Simulam contagiar-se uns aos outros com bocejos.*

B – Vamos medir em quanto tempo esta droga afetaria o resto da população.

*Cronometram com o botão da mesa. Tentam contagiar os sujeitos / espetadores com o bocejo. Ao ver um sinal de bocejo na plateia, param o cronómetro. D enuncia no intercom quantos segundos passaram. A vai para a máquina de escrever.*

C *(ditando para A)* – Extremamente relevante.

A *(escrevendo à máquina)* – Extremamente relevante.

B *(ditando para A)* – Sugerimos monitorização prioritária.

A *(escrevendo à máquina)* – Sugerimos monitorização prioritária.

*A entrega a conclusão a C, que a junta à informação e vai guardar a cápsula. Voltam a olhar para o dossier.*

### 13

A *(lendo)* – Processo F788/13 / Terceira Parte  
Sujeito: Mandela, Nelson.

B – Segundo nome?

A – Rolihlahla. Informação Inicial:

“Mandela, Nelson Rolihlahla, 18 de julho de 1918. Advogado, ex-líder rebelde e ex-presidente da África do Sul. Em 1952 apresentou-se com chefe nacional de uma campanha contra o regime apartheid sul africano, passando à luta armada em 1961. Foi detido em 1962. Em sua defesa declarou-se inocente das acusações - mas culpado por lutar pelos direitos humanos, pela liberdade, por atacar leis injustas. Admitiu, no entanto, ter feito sabotagens.

Falou durante quatro horas, concluindo: *"Acalentei o ideal de uma sociedade livre e democrática na qual as pessoas vivam juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal para o qual espero viver e realizar. Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou disposto a morrer"*

Foi condenado a prisão perpétua em 1964. *(B vai a um armário e traz para a mesa uma placa com o número 46664)* Cumpriu pena na Ilha Robben, uma prisão de máxima segurança para prisioneiros políticos, onde os presos passavam o dia em trabalhos forçados, movendo um monte de pedras dum local para outro. Nelson Mandela ocupou uma cela com o número 46664, com apenas 2,5 por 2,1 metros e uma janela de 30 cm.

Mandela foi libertado em 1990. *(C vai a um armário e traz para a mesa uma medalha do Prémio Nobelda Paz)* Posteriormente ganhou o prémio Nobel da Paz e foi eleito presidente da África do Sul, sendo globalmente considerado o reconciliador e garante da união do país. *(B vai a um armário e traz para a mesa um saco com papel cortado às tiras)* Atualmente, não aparece em público mas a família garante que está vivo.”

B *(lendo)* – Informação que foi considerada irrelevante:

Durante os anos de luta armada, *(A vai a um armário e traz para a mesa uma boina militar)* deixou crescer a barba e vestiu uniforme camuflado, fazendo lembrar Ernesto Che Guevara. No momento da sua libertação, saudou a multidão que o aclamava, erguendo um punho fechado.”

A – Continua a parecer-me irrelevante.

B – Ainda assim temos a questão do braço.

A – Desenvolva.

B – Porque se em vez de estar assim *(levanta um punho fechado no ar)* estivesse assim *(vira o punho ao contrário e sacode-o)* não seria um incentivo à luta e à não desistência, mas uma ameaça, uma promessa de vingança.

A – Está a especular?

B – Estou a especular

D *(no intercom)* – Estava com o punho no ar. Todas as imagens de 1990 mostram o sujeito Mandela com o punho erguido num claro sinal de vitória.

C (*lendo*) – Informação recebida após a conclusão do processo: “Em 1920 um profeta Boer chamado “Siener” Van Rensburg profetizou que, após a morte e enterro de Nelson Mandela, a população negra da África do Sul iria dizimar a população branca. Segundo o profeta, durante essa onda de violência as armas seriam transportadas através de uma linha de caminhos-de-ferro. Essa linha foi finalizada e aberta ao público em 2011.

Este ano, na página Facebook “Sul Africanos no Reino Unido”, um anónimo colocou um *post* intitulado “Alerta de Segurança Urgente”:

“Certas fontes afirmam que no dia em que Nelson Mandela morrer será despoletado um assassinio em massa – preparem-se para proteger as vossas famílias. O Partido Comunista estará a planear a chacina de todos os cidadãos brancos aquando da morte de Mandela. Uma das operações envolve cerca de 70 mil negros armados, que serão transportados em táxis para o centro de Joanesburgo em cerca de uma hora, para ataquem os brancos. As fontes dizem que a maioria dos negros do país está ao corrente destes planos. Sempre que emerge alguma disputa racial, os negros dizem frequentemente aos brancos “Espera só até ao Mandela morrer.” O *post* termina com: “Não entrem em pânico mas fiquem escondidos e garantam que têm combustível nos vossos automóveis.”

A – Temos novamente um táxi...

B – Inverosímil: uma profecia... redes sociais... um anónimo. Impossível.

A – Impossível...? E se fizermos as contas? Ora bem, seriam 70 000 pessoas a participar nesta carnificina? Em táxis? Isso implicaria muitos táxis. 70 000 a dividir por 4 pessoas em cada táxi...

B – Em Joanesburgo...

A – Seriam 17 500 táxis. São muitos. Não é verosímil.

C – Mas porque divide por 4? Poderiam apertar-se: 2 à frente, no banco do passageiro, e 4 atrás.

A – Mais as armas necessárias à execução da carnificina?

B – As armas podiam ir na mala.

D (*no intercom*) – Em Joanesburgo a maioria dos táxis são mini-vans de 12 pessoas.

A – Isso muda tudo!

B – Poderiam viajar 11 de cada vez.

A – 12, se o motorista também estivesse implicado.

C – 18, se se apertassem um pouco.

A – Isso muda tudo! Seriam apenas necessários 3 888 táxis. Já é possível.

B – Mas reparem: o ataque não seria na sequência da morte mas do funeral, o que quer dizer que...

C – ... que efetivamente poderia existir uma razão para ocultar a morte do sujeito Mandela...

A – ...evitar ou protelar a carnificina.

C – Quantos anos tem Mandela?

A – 95.

C – Não poderiam fazer isto indefinidamente: 95, 100, 105, 110. Sem ninguém o ver. Seria suspeito.

D (*no intercom*) – O recorde mundial de longevidade é de um homem com 125 anos.

C – Bem, isso ainda lhes dava 30 anos para estabilizar a situação.

B (*sem que A e C lhe liguem*) – Até que horas haverá táxis em Joanesburgo?

A – E reparem que 1952, ano em que o sujeito Mandela inicia a sua luta, é também o ano em que o sujeito Turing é condenado. 1952.

B (*abrindo o "Crime e Castigo"*) – Esperem. Julgo que também aqui há uma conexão.

A – Desenvolva.

B (*lendo*) – “O fato era quente e apropriado ao seu género de vida. Quanto à grilheta, nem lhe sentia o peso. Restava a humilhação de trazer a cabeça rapada e o vestuário de condenado.”

A – Portanto o protagonista do livro de Dostoievsky que o sujeito Snowden estará a ler está sujeito ao mesmo tipo de trabalhos forçados que o sujeito Mandela.

C – Ambos partem pedra.

D (*no intercom*) – O serviço de táxis em Joanesburgo é interrompido às 18h.

A e C – ...?

B – Na Sibéria, seria gelo.

*Ouve-se o som que alerta para o trabalho de administração de testes. C vai buscar uns óculos de visão noturna. A e B pegam no carrinho e circulam em frente ao público, mostrando na tv portátil imagens de câmaras de segurança. Quando param, A dirige-se à mesa e prepara-se para cronometrar e B senta-se preparada para tomar notas. C circula entre o público.*

D (off) - O desafio que se segue vai testar o modo como seleciona informação e as suas capacidades analíticas numa situação de visão comprometida. Serão colocadas 4 questões relativas a informação já fornecida. Perante cada questão, terá 5 segundos para votar uma resposta de “Verdadeiro” ou “Falso”. Para votar deverá levantar um braço. O argumento e os dados aqui contidos não pretendem refletir uma determinada visão ou um determinado processo. Esta é uma situação real.

*Faz-se blackout.*

A – 60% do ADN da banana é igual ao do humano. Quem acha que é Verdadeiro? (tempo)  
Quem acha que é Falso? (tempo)

*As luzes sobem ligeiramente.*

C – Muitos sujeitos não levantaram o braço para votar. Talvez não tenham percebido as instruções. Os resultados não são elegíveis.

*As luzes apagam-se novamente.*

A – A expressão “Dezasseis letras” escreve-se com quinze letras. Verdadeiro? (tempo) Falso?  
(tempo)

*As luzes sobem ligeiramente.*

C – A maior parte dos sujeitos votou. Maioritariamente na opção “Falso”.

*As luzes apagam-se novamente.*

A – Somos mais rápidos a dizer uma verdade do que uma mentira. Verdadeiro? (tempo) Falso?  
(tempo)

*As luzes sobem ligeiramente.*

C – Quase todos os sujeitos votaram. Esmagadoramente na opção “Verdadeiro”.

*As luzes apagam-se novamente.*

A – No pé grego o segundo dedo é mais curto que o primeiro. Verdadeiro? (*tempo*) Falso? (*tempo*)

*As luzes sobem ligeiramente.*

C – Muita hesitação entre os sujeitos. Alguns votaram duas vezes. Os resultados não são elegíveis.

## 14

*Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. C arruma os óculos de visão noturna. C e B arrumam o carrinho. A dirige-se ao armário e traz uma cápsula.*

B (*lendo*) – “Teste: Em anexo apresentam-se dois textos: um texto criado por um ser humano no contexto de uma obra literária, reproduzindo o diálogo entre duas personagens; e um texto produzido pela interação entre um ser humano e uma máquina programada para produzir respostas semelhantes às tipicamente dadas pelos humanos.

Os dois diálogos deverão ser sujeitos a um teste que verifica a capacidade da máquina de se aproximar das respostas humanas típicas. (*B entrega os anexos a A e C para que os fotocopiem*) Este teste foi desenhado pelo matemático Alan Turing e inspira-se num popular jogo onde um interrogador faz perguntas a um jogador feminino e a um jogador masculino, tentando através das respostas adivinhar qual deles é o homem e qual é a mulher.”

*A e C regressam com as cópias dos textos, trocam-nas entre si. B arruma a informação geral na cápsula.*

B (*no intercom*) – Teste de Turing - Anexo 1.

*A e C lêem.*

A – Acredita em fantasmas?

C – Que fantasmas?

A – Fantasmas...

C – Você acredita?

A – Posso dizer que não. Ou melhor, sim e não.

C – Já viu algum?

A – A minha mulher aparece-me às vezes.

C – Como assim, aparece?

A – Já apareceu três vezes.

C – Quando estava acordado?

A – Acordadíssimo. Aparece, fala comigo e sai pela porta. Usa sempre a porta. Quase a ouço bater ao fechar.

C – Do que é que está falar?

A – Do que é que eu estou a falar? Não tenho bem a certeza.

C – Se calhar está só a mentir sobre o fantasma.

A – Eu raramente minto.

C – Recuso-me a acreditar nisso.

*A e C fazem a B um sinal de que terminaram a leitura. Trocam de folha.*

B (no intercom) – Teste de Turing - Anexo 2.

A – Acredita em fantasmas?

C – Sim.

A – Já viu algum?

C – Não, mas já vi imagens de fantasmas.

A – Eu vi um. Quando estava acordado. A minha mulher... ela morreu. Já a vi três vezes. Ela aparece, fala comigo e vai-se embora.

C – Você é superior a mim.

A – Alguma vez pensou em escapar disto tudo?

C – Sim.

A – Para onde é que iria?

C - Para a sepultura.

A – Finalmente livre. Percebo o que quer dizer.

C – Tem ouvido o vento ultimamente?

A – É como uma ameaça!

C – Os elefantes voam, se tivermos uma catapulta suficientemente grande.

A – Quer dizer que tudo é possível? Ainda?

C – Você não sabe nada.

*A e C fazem a B um sinal de que terminaram a leitura.*

B – Penso que estou pronta para postular...

A – Já?

C – Não estará a precipitar-se?

B – Bom, se calhar não estou pronta a postular, mas sim a palpitar... Palpito então que o anexo 2 foi gerado por um ser humano em contexto literário, e o Anexo 1 foi gerado por um ser humano em interação com uma máquina.

A – Tem a certeza?

B – Quase absoluta.

C – Porque é que diz isso?

B – Diversos fatores. Existem algumas frases-chaves muito esclarecedoras. *(lendo)* “Você é muito superior a mim.” – Só um ser humano diria isto! Uma máquina nunca diria isto.

A – Uma máquina nunca diria nada...

B - Para além disso, o Anexo 2 tem muito mais ironia.

C – Ironia? Onde?

B – Na sepultura! *(lendo)* “Para onde é que iria? Para a sepultura.” As máquinas não têm ironia! A ironia é tipicamente humana e não suscetível de aprendizagem por uma máquina. E os elefantes? *(lendo)* “Os elefantes voam, se tivermos uma catapulta suficientemente grande.”

C – Aqui penso descortinar uma metáfora...

B ( *lendo* ) – “Tem ouvido o vento ultimamente?” Só um ser humano diria isto! O Anexo 2 está cheio de filosofia – só os humanos têm filosofia, as máquinas não!

A – Parece muito convencida.

B – Estou 99% convencida. Olhem para a sequência em que as frases se apresentam. A maneira como no Anexo 2 subitamente a conversa se altera – Só os seres humanos mudam de assunto, as máquinas não.

A – Mas não se podia programar a máquina para mudar de assunto?

B – Podia. Mas nunca tão bem como uma pessoa. Reparem: o sujeito que puxa o tema do vento é o mesmo que imediatamente o abandona para falar de elefantes. A mudança brusca de assunto é sem dúvida um sintoma de humanidade.

C – Não pode ter sido programada para reproduzir essas características humanas? Ironia, humildade, filosofia?

B – Estou quase certa que não seria possível... ( *olhando o texto* ) É uma máquina, é uma máquina! É claríssimo! Olhem para isto! Nenhum ser humano fala assim! “Que fantasmas? Você acredita? Já viu algum?” É um disparate, só se fazem perguntas. Não é uma conversa que duas pessoas teriam.

A – Talvez devêssemos estabelecer um termo de comparação com um texto gerado por dois humanos em situação natural.

B – Muito bem, se quiserem tentar eu posso transcrevê-lo. ( *dirige-se à máquina de escrever* ) Mas têm de se cingir ao mesmo assunto. E têm de começar da mesma maneira, para a comparação ser possível. E no final de cada frase façam uma ligeira pausa, para me dar hipótese de anotar.

*A e C instalam-se para conversar. B acompanha, escrevendo na máquina.*

A – Acreditas em fantasmas?

B – VOCÊ! Tem de ser o mesmo tratamento.

A – Peço desculpa... Recomeço: Acredita em fantasmas?

C – Aparições?

A – Fantasmas.

C – Se calhar, quero dizer, nunca vi nenhum.

A – Eu acredito, ou melhor, eu vejo.

C – Está a ver algum agora?

A – Não. Mas às vezes a minha mulher aparece-me. À minha frente, aparece-me.

C – O que é que a sua mulher faz quando aparece?

A – Está lá, ou passa... às vezes acena. Não faz muita coisa. Está.

C – Como se estivesse de passagem?

A – De passagem estamos nós.

C – De passagem para onde?

A – Da vida para a morte.

B – Penso que chega! Passo a ler. *(lê rapidamente o texto gerado; os outros passeiam pelo espaço)*

A *(interrompe)* – Que horror!

C – Muito fraco. Muito fraco.

A *(lendo)* – “Vê. Não vê. Está. Passa.”... Este texto, das duas uma: ou foi produzido por uma máquina MUITO má ou...

C – Ou por um escritor MUITO mau!

B – Mas quem é que fala assim?

A – Lembra vagamente a interação humana, mas de péssima qualidade.

C – Parece uma primeira obra de um jornalista que passou anos a entrevistar pessoas e a ler ficção, e um dia decidiu que isso era suficiente para escrever uma ficção em que pessoas falam.

B – Penso que dada a existência deste novo anexo, não estamos capacitados para chegar a uma conclusão cabal relativamente aos anteriores. O melhor será anexarmos este texto ao documento, fazendo a respetiva adenda e dar seguimento, para que possam os três Anexos

ser analisados em conjunto por outra secção. *(escreve a adenda)*

C – É o melhor.

A – É o melhor

*A destrói as cópias do texto no destruidor. C arruma os originais na cápsula. B passa a adenda a C, que a insere na cápsula, e vai ao armário guardá-la. Voltam a olhar para o dossier.*

## 15

A *(lendo)* - Processo F788/13 /Quarta Parte  
Sujeito: Manning, Bradley

B – Segundo nome?

A – Edward.

C – Como o primeiro nome do sujeito Snowden.

A – Pura coincidência. Informação Inicial

“Manning, Bradley Edward, 17 de dezembro de 1987. Militar do Exército dos Estados Unidos que foi preso por acesso e divulgação de informações sigilosas.

Manning admitiu ter sido responsável pela divulgação do vídeo do ataque de um helicóptero a um grupo de civis em Bagdad, em 2007. No ataque, para além de vários adultos mortos, ficaram feridas com gravidade duas crianças que se encontravam dentro de uma carrinha atingida pelos americanos. *(B vai a um armário e traz para a mesa um saco com papel cortado às tiras)* Manning, que foi preso em 2010, permaneceu detido em condições que foram consideradas por muitos como desumanas e ilegais.”

B *(lendo)* – Informação que foi considerada irrelevante:

“No início de 2013, Bradley Manning foi indicado pela terceira vez para o Prémio Nobel da Paz.” Irrelevante... na altura era irrelevante.

A *(entredentes)* – Não devíamos ter ido de férias.

C *(lendo)* – Informação recebida após a conclusão do processo:

“No dia 21 de agosto de 2013, Bradley Manning foi condenado a 35 anos de prisão. O tribunal deu como provadas as acusações de Espionagem, Desobediência, Roubo de propriedade governamental, entre outras. Após a leitura da sentença, Manning declarou publicamente: As minhas decisões foram tomadas por preocupação com o meu país e com o mundo em que vivemos. Temos estado em guerra com um inimigo que escolheu não nos enfrentar num campo de batalha convencional, e por isso tivemos de alterar os nossos meios de combate.”

B – Exposição do contexto.

A – Confere.

C – “Ao início concordei com esses métodos e voluntariei-me para defender o meu país. Foi apenas quando comecei a ler relatórios militares secretos diariamente que comecei a questionar a moralidade do que fazíamos. Foi nessa altura que percebi que, nos nossos esforços para enfrentar o risco levantado pelo inimigo, nos esquecemos da nossa humanidade. Decidimos conscientemente desvalorizar a vida humana.”

B – Uma premissa moral.

A – Confere.

C – “Percebo que as minhas ações violaram a lei, e lamento se as minhas ações magoaram alguém ou prejudicaram o meu país. Nunca quis magoar ninguém. Apenas queria ajudar as pessoas.”

B – Pedido de desculpas.

A – Confere.

C – “Cumprirei a minha pena com a consciência de que, por vezes, é preciso pagar um preço elevado para viver numa sociedade livre, em que todos os homens e mulheres são iguais. Pagarei esse preço de bom grado.”

B – Esperança.

A – Confere.

C – “Quero agradecer a todos os que me apoiaram nos últimos 3 anos e me ajudaram a manter-me forte ao longo desta provação.”

B – Agradecimentos.

A – Confere.

C – “Ao iniciar a transição para a próxima etapa da minha vida, quero que todos conheçam o meu verdadeiro eu: Eu sou Chelsea Manning. Sou uma mulher. Tendo em conta o modo como me sinto, como sempre me senti desde a juventude, quero começar a Terapia de Substituição Hormonal o mais depressa possível. Espero que me apoiem nesta transição.”

*Silêncio. Mal estar geral.*

C – “Gostava também de pedir que, a partir de hoje, se referissem a mim usando o meu novo nome e utilizassem o pronome feminino (exceto em correio oficial enviado para o

estabelecimento penitenciário). Obrigada. Chelsea E. Manning”

A – Coisa estranha.

B – Não sei que diga.

C – É de classificação complexa.

A – Que fazemos? Editamos a informação?

C – Copiamos?

B – Eliminamos? Não faz sentido.

A – Não. Mas há várias conexões, em particular com o sujeito Mandela.

B – Condições de detenção degradantes e acusações do mesmo teor: traição, desobediência...

A – E a declaração em tribunal é praticamente a mesma: *(lendo no dossier)* Sujeito Mandela: Acalentei o ideal de uma sociedade livre e democrática.

C *(lendo)* – Sujeito Manning: Cumprirei a minha pena...

*Hesitam.*

B *(interrompendo)* – É melhor ser eu a ler... *(lendo)* Sujeito Manning: Cumprirei a minha pena com a consciência de que é preciso pagar um preço elevado para viver numa sociedade livre

A – Sujeito Mandela: Na qual as pessoas vivam juntas em harmonia e com oportunidades iguais.

B – Sujeito Manning: Em que todos os homens e mulheres são iguais

A – Enfim, diria considerações do foro... pessoal? Íntimo? Ético?

C – Portanto, agora é uma mulher.

B – Na verdade tratou-se sempre de uma mulher.

A – Será que o facto de ser uma mulher foi relevante para a fuga da informação? *(vai buscar uma cápsula)*

B – Porque um homem não faria uma coisa destas...?

C – O sujeito Snowden era um homem...

A (*abre a cápsula*) – Aqui está: (*lendo*) “Estudo: Um estudo recente revelou que, para as mulheres, a carga emocional de manter um segredo parece-se com um peso ou fardo físico. Foram feitos testes a um conjunto de mulheres que escondiam segredos, mais ou menos importantes. Depois, foi-lhes pedido que avaliassem a altura de um prédio ou a distância até a um determinado ponto. As mulheres que carregavam segredos mais importantes avaliavam sempre a altura e a distância como sendo maior do que tinham referido as outras.”

*Ouve-se o som que alerta para o trabalho de administração de testes. A vai guardar a cápsula. B e C trazem um carrinho e distribuem pelo público o material para preenchimento de uma escala de auto-avaliação.*

D (*off*) – O desafio que se segue vai testar o modo como oculta informação e o efeito emocional que isso tem na sua relação com os outros. Serão colocadas 10 questões. Cada uma das questões tem 3 respostas possíveis: Concordo, não concordo nem discordo, discordo. Para responder, pode utilizar o lápis que se encontra nas costas da sua cadeira. As respostas deverão ser imediatas. Para efeito do exercício, por favor trate esta situação como real e comporte-se como se comportaria numa situação semelhante na realidade.

A (*enquanto verifica os lápis*) – A situação é bizarra.

C (*distribuindo as escalas*) – E o sujeito Manning... quero dizer o segundo sujeito Manning... Chelsea... solicita às autoridades uma terapia relacionada com a alteração de sexo?

B (*distribuindo as escalas*) – Hormonas femininas.

C – Não foi esse o castigo dado pelas autoridades ao sujeito Turing?

*Regressam à mesa.*

A – As conexões são evidentes.

*Vão retirando os objetos de cima da mesa, e colocando-os no carrinho.*

B – O tratamento hormonal a que foi submetido o sujeito Turing é semelhante ao solicitado pelo sujeito Manning; o sujeito Manning era um militar tal como o sujeito Mandela; a morte do sujeito Mandela está associada ao táxi, veículo usado na fuga do sujeito Snowden que foi identificado através de um Cubo de Rubik, cuja resolução exige um algoritmo, conceito desenvolvido pelo sujeito Turing; o sujeito Turing desenvolveu ainda os princípios da computação utilizada no trabalho do sujeito Snowden que divulgou informação classificada tal como o sujeito Manning; o sujeito Manning foi condenado tal como o sujeito Turing e o sujeito Mandela; o único que, por enquanto, escapou à prisão foi o sujeito Snowden que no entanto foi acusado como os outros; e

o cativo descrito no livro que o sujeito Snowden estará a ler é semelhante ao vivido pelo sujeito Mandela, a quem foi atribuído o Prémio Nobel, que também encontramos nas histórias dos sujeitos Turing, Snowden e Manning.

*C folheia o “Crime e Castigo”. Subitamente faz sinal aos outros.*

C – Reparem!

*C interrompe a comunicação aberta.*

C (*lendo*) – “Acredita em fantasmas? Que fantasmas? Fantasmas...Você acredita? Posso dizer que não. Ou melhor, sim e não. Já viu algum? A minha mulher aparece-me às vezes.”

A – Enganámo-nos.

C – Confundimos os anexos.

B – Não era uma máquina. Era Dostoievski.

*Reabrem a comunicação.*

A (*colocando o dossier no carrinho*) – Escapa-nos um sentido claro.

C – Será que descartámos sempre o essencial?

*C e B levam o carrinho com os objetos e regressam à mesa. Os três abrem os saco de papel cortado e espalham o seu conteúdo pela mesa, onde também ficou a maçã.*

A – Temos 4 sujeitos. Temos culpa, temos punição, temos inocência, temos prémio...4 fatores.

B – Andamos em círculos.

A – ... 4 mais 4 oito, 4 vezes 4 16, 4 a dividir por quatro 1, 4 menos 4 zero;  $8+16+1+0$  igual a 25.  $2+5$  igual a sete?

B – Continuamos em círculos.

C – E a maçã?

A – Irrelevante?

*Ouve-se o som que alerta para a continuação do trabalho de administração de testes. Os analistas ficam confusos. A voz em off começa a ler as perguntas da escala que foi entregue aos sujeitos. Os analistas respondem a medo, levantando o braço no ar.*

- D (off) 1 - Tenho um segredo importante que nunca partilhei com ninguém. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?
- 2 - Se partilhasse todos os meus segredos com os meus amigos, eles iriam gostar menos de mim. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?
- 3 - Há muitas coisas a meu respeito que guardo só para mim. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?
- 4 - Tenho sido atormentado por alguns dos meus segredos. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?
- 5 - Quando me acontece alguma coisa má, tendo a guardá-la só para mim. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?
- 6 - Tenho muitas vezes medo de revelar alguma coisa que não quero revelar. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?
- 7 - Quando conto um segredo, muitas vezes corre mal e arrependo-me de o ter feito. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?
- 8 - Eu tenho um segredo que é tão privado que iria mentir se alguém me perguntasse a seu respeito. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?
- 9 - Os meus segredos são demasiado embaraçantes para serem partilhados com outras pessoas. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?
- 10 - Tenho pensamentos negativos a meu respeito que nunca partilho com ninguém. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

*Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. A dirige-se ao armário e traz uma cápsula.*

A (lendo) – “Facto: Se tocamos na língua quando começamos a bocejar podemos parar o bocejo.”

*Silêncio.*

A (lendo) – “Facto: Em média, 5 em cada 10 pessoas tem algum tipo de medo do escuro.”

*Silêncio.*

A (lendo) – “Facto: Um urso panda faz cocó mais de 40 vezes por dia.”

*Silêncio.*

A (lendo) – “Facto: O número de vezes que piscamos os olhos durante um dia equivale a ter os olhos fechados durante cerca de meia hora.”

*Silêncio.*

A (lendo) – “Facto: A maçã contém uma pequena dose de cianeto nos seus caroços. Seria necessário comer pelo menos 100 gramas de caroços de maçã para morrer envenenado.”

*Silêncio. Aproximam-se da mesa, fixando a maçã. D começa a pilotar o seu helicóptero.*

A – Relevante?

C – Experimentamos?

B – Testamos a maçã?

*Olham para a maçã, hesitando. B pega na maçã, passa-a a A, que a passa a C. C repara que o helicóptero os sobrevoa e pousa a maçã na mesa. Os três olham para cima.*

*O helicóptero aproxima-se da mesa, espalhando os papéis destruídos. Os analistas afastam-se, assustados. O helicóptero volta para o fundo lentamente e pousa.*

**FIM**